

A AVENTURA DA CONSCIÊNCIA E DA ALEGRIA

01.08.2021

PENSAMENTOS E AFORISMOS

When we have passed beyond knowings, then we shall have Knowledge. Reason was the helper; Reason is the bar. When we have passed beyond willings, then we shall have Power. Effort was the helper; Effort is the bar. When we have passed beyond enjoyings, then we shall have Bliss. Desire was the helper; Desire is the bar. When we have passed beyond individualising, then we shall be real Persons. Ego was the helper; Ego is the bar. When we have passed beyond humanity, then we shall be the Man. The Animal was the helper; the Animal is the bar. Transform reason into ordered intuition; let all thyself be light. This is thy goal. Transform effort into an easy and sovereign overflowing of the soul-strength; let all thyself be conscious force. This is thy goal. Transform enjoying into an even and objectless ecstasy; let all thyself be bliss. This is thy goal. Transform the divided individual into the world-personality; let all thyself be the divine. This is thy goal. Transform the Animal into the Driver of the herds; let all thyself be Krishna. This is thy goal.

O OBJETIVO

Quando tivermos passado além de conhecimentos, então teremos o Conhecimento. A Razão foi a ajudante; a Razão é a barreira.

Quando tivermos passado além de vontades, então teremos o Poder. O Esforço foi o ajudante; o Esforço é a barreira.

Quando tivermos passado além de fruções, então teremos a Bem-aventurança. O Desejo foi o ajudante; o Desejo é a barreira.

Quando tivermos passado além de individualizações, então seremos Pessoas reais. O Ego foi o ajudante; o Ego é a barreira.

Quando tivermos passado além da humanidade, então seremos o Homem. O Animal foi o ajudante; o Animal é a barreira.

Transforma a razão em intuição ordenada; teu ser inteiro seja luz. Este é teu objetivo.

Transforma o esforço num permanente e soberano transbordamento de tua força-de-alma; teu ser inteiro seja força consciente. Este é teu objetivo.

Transforma frução num permanente e espontâneo êxtase; seja teu ser inteiro bem-aventurança. Este é teu objetivo.

Transforma o indivíduo dividido na personalidade-de mundo; teu ser inteiro seja o divino. Este é teu objetivo.

Transforma o Animal no Pastor dos rebanhos; teu ser inteiro seja Krishna. Este é teu objetivo.

O CICLO HUMANO

Capítulo VIII

Civilização e Barbárie

Uma vez que determinamos que esta regra de perfeita individualidade e perfeita reciprocidade é a lei para o indivíduo, a comunidade e a raça e que uma união perfeita e mesmo a unidade numa livre diversidade é sua meta, nós temos de tentar ver mais claramente o que queremos dizer quando dizemos que a autorrealização é o sentido, secreto ou aberto, do desenvolvimento individual e social. Não temos, por ora, de lidar com a raça, com a humanidade como uma unidade; a nação é ainda nossa maior unidade, compacta e viva. E é melhor começar com o indivíduo, tanto porque de sua natureza temos um conhecimento e experiência mais completos e mais claros do que da alma e vida agregadas, e porque a sociedade ou nação é, mesmo em sua complexidade maior, um indivíduo maior, composto, o Homem coletivo. O que constatamos ser válido em relação ao primeiro é, por conseguinte, provável que seja válido em seu princípio geral em relação à entidade maior. Além disso, o desenvolvimento do indivíduo livre é, dissemos, a condição primeira para o desenvolvimento da sociedade perfeita. Com o indivíduo, portanto, temos de começar; ele é nossa referência e nossa fundação.

O Self do homem é algo escondido e oculto; ele não é seu corpo, não é sua vida, não é – embora ele seja, na escala da evolução, o ser mental, o Manu – sua mente. Portanto, nem a plenitude de seu físico, nem de seu vital, nem de sua natureza mental podem ser o termo último ou o padrão verdadeiro de sua autorrealização; estas coisas são meios de manifestação, indicações subordinadas, fundações de sua autodescoberta, valores, a divisa prática de seu self, o que se queira, mas não a própria coisa que ele secretamente é e está, de forma obscura, tateante, ou aberta e autoconscientemente tentando tornar-se. O homem, como raça, não teve posse desta verdade a respeito de si próprio, não a tem agora, exceto na visão e autoexperiência dos poucos em cujas pegadas a humanidade é incapaz de seguir, embora possa adorá-los como Avatares, videntes, santos, ou profetas. Pois a Sobrealma que é a mestra de nossa evolução tem seus próprios, largos passos de Tempo, suas próprias, grandes eras, extensões de lenta e cursos de rápida expansão, os quais o forte, semidivino indivíduo pode sobrepujar, mas não a raça ainda semianimal. O curso da evolução, procedendo do vegetal para o animal, do animal para o homem, começa neste a partir do sub-humano; ele tem de tomar a si o animal e mesmo o mineral e o vegetal; tais coisas constituem sua natureza física, dominam sua vitalidade, têm sua pega sobre sua mentalidade. Sua propensão a muitas espécies de inércia, sua prontidão para vegetar, seu apego ao solo e agarrar-se às suas raízes, a ancoragens seguras de todo tipo e, por outro lado, seus impulsos nômades e predatórios, sua servidão cega ao costume e à regra do rebanho, seus movimentos de turba e abertura às sugestões subconscientes da alma-de-grupo, sua sujeição ao jugo de ira e medo, sua necessidade de punição e dependência de punição, sua inabilidade em pensar e agir por si próprio, sua incapacidade para a liberdade verdadeira, sua desconfiança em relação ao que é novo, sua lentidão em apreender de forma inteligente e assimilar, sua propensão descendente e olhar para a terra, sua sujeição vital e física à sua hereditariedade, todas estas coisas e mais, são a herança das origens sub-humanas de sua vida e corpo e mente física. É por causa desta herança que ele considera ser a autossuperação a mais difícil das lições e o empenho mais doloroso. Contudo, é pela superação do self mais baixo que a Natureza realiza os grandes passos de seu processo evolucionário. Aprender por meio do que ele foi, mas também saber e crescer para aquilo que ele pode ser, esta é a tarefa que é colocada para o ser mental.

O tempo está passando em definitivo – esperamos – para este ciclo da civilização, em que a inteira identificação do self com o corpo e a vida física era possível para a consciência geral da raça. Esta é a característica primária do barbarismo completo. Tomar o corpo e a vida física como sendo a única coisa importante, julgar a humanidade por força, desenvolvimento e destreza físicas, estar à mercê dos instintos que emergem do inconsciente físico, desprezar o conhecimento como uma fraqueza e uma inferioridade, ou considerá-lo como uma peculiaridade e não como parte necessária da concepção de humanidade, esta é a mentalidade do bárbaro. Ela tende a reaparecer no ser humano no período atávico da infância – quando, deve-se notar, o desenvolvimento do corpo é da maior importância, mas para o homem adulto na humanidade civilizada isto está cessando de ser possível. Pois, em primeiro lugar, pela pressão da vida moderna até a atitude vital da raça está mudando. O homem está deixando de ser tanto um ser físico e tornando-se muito mais um animal vital e econômico. Não que ele exclua, ou esteja destinado a excluir, o corpo e seu desenvolvimento ou correta manutenção, e o respeito pelo ser animal e suas excelências de sua ideia de vida; a excelência do corpo, sua saúde, sua robustez, seu vigor e desenvolvimento harmonioso são necessários para uma perfeita humanidade e no presente ocupam atenção de um modo melhor e mais inteligente do que antes. Mas o primeiro lugar em importância não pode mais ser atribuído ao corpo, muito menos a inteira predominância que lhe é outorgada pela mentalidade do bárbaro.

Além disso, embora o homem não tenha ainda realmente ouvido e compreendido a mensagem dos sábios, “Conhece a ti mesmo”, ele aceitou a mensagem do pensador, “Educa a ti mesmo”, e, mais, ele compreendeu que a posse da educação impõe a ele o dever de transmitir a outros seu conhecimento. A ideia da necessidade de educação geral significa o reconhecimento pela raça de que a mente, e não a vida e o corpo, são o homem e que sem o desenvolvimento da mente ele não possui sua verdadeira humanidade. A ideia da educação é ainda, primariamente, a da inteligência e capacidade mental e conhecimento do mundo e das coisas, mas secundariamente também a do treinamento moral e, embora de forma ainda muito imperfeita, do desenvolvimento das faculdades estéticas. O ser pensante inteligente, moralizado, controlando seus instintos e emoções por meio de sua vontade e de sua razão, familiarizado com tudo o que ele deveria saber do mundo e de seu passado, capaz de organizar de forma inteligente por meio desse conhecimento sua vida social e econômica, ordenando corretamente seus hábitos corporais e seu ser físico, esta é a concepção que agora governa a humanidade civilizada. Ela é, em essência, um retorno ao velho ideal grego, e um desenvolvimento mais amplo dele, com uma ênfase maior em capacidade e utilidade e uma ênfase muito reduzida em beleza e refinamento. Podemos supor, contudo, que esta é somente uma fase passageira; os elementos perdidos devem recuperar sua importância tão logo o período comercial do progresso moderno tenha sido ultrapassado, e com tal recuperação, ainda não à vista, mas inevitável, teremos todos os elementos apropriados para o desenvolvimento do homem como um ser mental.

A velha civilização helênica, ou greco-romana, pereceu, entre outras razões, porque só de forma muito imperfeita ela generalizou a cultura em sua própria sociedade e era cercada por vastas massas de humanidade ainda dominadas pelo hábito bárbaro de mente. A civilização jamais pode estar segura enquanto, confinando a cultura mental a uma minoria reduzida, ela nutrir em seu seio uma massa tremenda de ignorância, uma multidão, um proletariado. Ou o conhecimento deve ampliar-se a partir de cima ou estará sempre sob o risco de ser submergido pela noite ignorante de baixo. Ainda mais insegura estará se permitir que massas enormes de homens existam fora de seu pátio, não esclarecidas por sua luz, plenas do vigor natural do bárbaro, as quais podem a qualquer momento se apoderar das armas físicas dos civilizados sem terem passado por qualquer

transformação intelectual por meio de sua cultura. A cultura greco-romana pereceu a partir de dentro e a partir de fora; de fora em razão das ondas de bárbaros teutônicos, de dentro pela perda de sua vitalidade. Ela proporcionou ao proletariado alguma medida de conforto e diversão, mas não o elevou para a luz. Quando a luz chegou às massas, foi a partir de fora, na forma da religião cristã, que chegou como uma inimiga da velha cultura. Apelando aos pobres, aos oprimidos e aos ignorantes, ela buscou capturar a alma e o ser ético, mas cuidou pouco ou nada da mente pensante, satisfeita se esta permanecesse na escuridão se o coração pudesse ser levado a sentir a verdade religiosa. Quando os bárbaros capturaram o mundo ocidental, ela da mesma forma contentou-se em cristianizá-los, mas não fez parte de sua função intelectualizá-los. Desconfiando mesmo do livre jogo da inteligência, o eclesiasticismo e monasticismo cristão tornou-se anti-intelectual e foi deixado aos árabes reintroduzirem os começos do conhecimento filosófico e científico numa cristandade semibárbara, e ao espírito semipagão da Renascença e a um longo conflito entre religião e ciência a tarefa de completar o retorno de uma cultura intelectual livre na mente reemergente da Europa. O conhecimento tem de ser afirmativo, se deseja sobreviver e perpetuar-se; deixar uma ignorância extensiva ou abaixo ou em trono de si, é expor a humanidade ao perigo perpétuo de uma recidiva barbárica.

O mundo moderno não deixa espaço para uma repetição do perigo na velha forma ou na velha escala. A ciência está aí para preveni-lo. Ela equipou a cultura com os meios para a autoperpetuação. (...) ela aprendeu também que a ignorância é um inimigo que ela não pode se dar ao luxo de desprezar e estabeleceu para si o propósito de removê-la onde quer que a encontre. O ideal da educação geral, pelo menos na extensão de alguma informação da mente, e do treinamento da capacidade devem a ela, se não seu nascimento, pelo menos muito de sua possibilidade prática. Ela propagou-se por toda parte com uma força irresistível e incitou o desejo por crescente conhecimento na mentalidade de três continentes. Ela fez da educação geral a condição indispensável da força e eficiência nacionais e, por conseguinte, impôs o desejo por ela não somente a cada povo livre, mas a cada nação que deseja ser livre e sobreviver, de modo que a universalização de conhecimento e atividade intelectual na raça humana é agora somente uma questão de Tempo; pois são somente alguns obstáculos políticos e econômicos que se colocam em seu caminho, e estes o pensamento e as tendências da época já trabalham para superar. E, em suma, a Ciência já ampliou para sempre os horizontes intelectuais da raça e ergueu, agudizou e intensificou poderosamente a capacidade intelectual geral da humanidade.

REGISTROS NO IOGA

Trikaldrishti (*lipi* intensamente vívido, *varnamaya*). Há agora três formas de ação do *Trikaldrishti*, o telepático que é extraordinariamente acurado quando não assediado pela pressão telepática; a intuitiva que age, mas é ainda bem desfocada & indistinta & incerta; a revelatória que é velada e revelada somente na *buddhi*, portanto especialmente aberta a interpretação. Ao mesmo tempo, com a diminuição da *tapas* intelectual a *daivya tapas* se manifesta mais e mais & introduz com frequência os movimentos mais súbitos e decisivos no objeto da vontade, p. ex., a febre de Biren expulsa em menos de uma hora, a cessação frequente da desordem na *washtap* por longo tempo desordenada, imediatamente ou logo após o *aishwara*, a alteração repetida de pássaros, de seu voo lento, oposto ou circular num súbito e sustentado avanço na direção imposta. (...)

Aishwarya operou hoje, de forma consecutiva & com pequena resistência no voo do pássaro. Isto aconteceu antes, mas então como uma circunstância excepcional. O valor do presente *siddhi* (poder) é que ele é parte de um avanço geral e permeador.